



O lusco-fusco do Carnaval, ou o ocaso do acaso

Pedro Costa

Sempre gostei muito de um horário especial do dia, em que ele vai dando lugar à noite, bem aos poucos. Nós, gaúchos, chamamos essa hora de “lusco-fusco” – que não sei o que significa nem de onde saiu o nome... – e Mia Couto refere-se a ela, num conto, como o momento em que “os farrapos de poeira demoravam o último sol”. Escrevo essas linhas nessa hora.

Talvez o rescaldo do Carnaval seja um momento desse lusco-fusco. Meio folia, meio razão. Costurado pela melancolia e pela madorra da volta para um tempo de ordem. Mais do que uma crônica das possíveis concessões que podem sustentar esta ordem, esse momento transitório, difuso e impreciso, que me lembra exatamente os movimentos de vida que estão nessa faixa do incompreensível, e que o nosso pensamento ocidental típico, maniqueísta e dicotômico, tem tanta dificuldade para entender.

Sim, gosto das zonas sombrias em que a nossa total humanidade se manifesta. Ou, poderíamos até ousar dizer, só somos verdadeiramente humanos nessa meia-luz (ou meia noite?) em que se costura o diálogo entre o nosso modo de viver lógico e a nossa sensibilidade. Lembro – e evoco aqui – as reflexões entre experiência e vivência. A primeira, mediada pela razão. E a segunda, como forma sensível de apreender a realidade. Há duas realidades? Uma captada pela razão, e outra pela sensibilidade? E quando essas “realidades” se manifestam em nós? O que está certo? A tese ou a poesia? O discurso ou o corpo que dança? O retrato ou a pintura surreal?

Eu fico com o lusco-fusco da vida, com o ir e vir entre as duas coisas que sou e as diferentes realidades que me assaltam. Não quero ser capturado por qualquer delas, quero chorar ouvindo música, e também quero fazer revolução. Adoro ler, estudar e lecionar, estou a todo tempo pensando e descobrindo minha eterna e infinita ignorância, que, obviamente, me dá mais sede de ler, de estudar e de pensar. Depois paro no batuque do tambor, no olhar enamorado, no desejo incontido de rir ou de amar, embora eu não saiba a diferença entre os dois.

Não quero ser uma crônica de autoajuda: quero convidar o leitor à confusão e ao desafio do desassossego que nos impulsiona. Acho que o fim do Carnaval – como ocaso do acaso, quando finda a concessão aos sonhos e o

planejamento vira a pauta da vida – reforça minha convicção irrefletida de que é na força desse espaço impreciso que está a potência de viver. Ao menos o viver que eu quero ter.

Deixo vocês então com um poema, o “poema do desenredo”, produzido nesse clima de (fim de?) Carnaval:

*Cantei um Carnaval de desenredo que me enreda em ti
Preso pela língua-serpentina que me serpenteia o corpo e me joga
pro chão
onde bate o pé e arrasta o cordão do bloco incabido e disforme da
paixão
Sonhei com beijos que caíam como confetes em uma chuva pipocante e desarmônica de si*

Meu sorriso invisível se regozija calado, e se faz estandarte do que vivo

O passo evoluído pelas pedras da rua samba na direção do abraço saudoso

*Abraço que puxa teu corpo, suado de sonho
como se meu sentimento corporificado quisesse bumar a batida do teu coração
amor sem ritmo, desarmonizado de tudo que escurece a vida
construído na respiração do tambor
e na cadência do desejo*

*Amor sem quarta feira
Sem cinzas
Só fogo*